

A ANGÚSTIA DO TRABALHO DEGRADANTE EM GRACILIANO RAMOS

Beatriz Ribeiro Ferreira Maia
Mestrado/UFF
Orientador: André Dias

“Os inimigos da vida torcem o nariz e fecham os olhos diante da narrativa crua, da expressão áspera. Querem que se fabrique nos romances um mundo diferente deste, uma confusa humanidade só de almas, cheias de sofrimentos atrapalhados que o leitor comum não entende. Põem essas almas longe da terra, soltas no espaço (...) Não admitem as dores ordinárias, que sentimos por as encontrarmos em toda a parte, em nós e fora de nós. A miséria é incômoda...”
(RAMOS, 193:138-139).

Decerto que o romance *Angústia* é considerado um dos maiores clássicos de nossa literatura, por conter, nas palavras de Antonio Candido (1992: 34): “o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira”.

E também, é necessário ressaltar a importância da leitura dessa obra por seu valor histórico-social e porque, mesmo tendo sido lançada a mais de 70 anos, é possível deflagrarmos temas e problemáticas, que ainda constituem a formação de nossa complexa sociedade, em que são delineados os problemas e as contradições da classe média urbana.

Classe metaforizada pelo personagem Luís da Silva, intelectual fracassado, descendente de proprietários rurais falidos. Sua trajetória de pobre diabo já começa na decadência de sua família. Por isso, imigra para a cidade grande em busca da vida sonhada a que deveria ser vivida. Porém, encontra solidão, desalento, sendo o protótipo do homem solitário no meio da multidão, configurando um dos signos do mundo moderno.

“A multidão é hostil e terrível. Raramente percebo qualquer coisa que se relacione comigo...” (RAMOS, 2013:12).

Essa consciência de solidão e isolamento que atrofia Luís da Silva servirá de rolo compressor, que oprimirá todas as personagens de Graciliano Ramos. Assim:

O mundo interior da personagem graciliana é um mundo objetivo, pois é visto sob o prisma do mundo moderno fragmentado, complexo e distorcido. Constituído por duas forças que se sobrepõem na maioria de suas obras, como também em *Angústia: A solidão interior e a luta de afirmação de sua própria individualidade*. (NOVAES, 1977: 61)

Para sobreviver, Luís da Silva divide o seu tempo em uma repartição pública, aceitando a insígnia de ‘figurinha insignificante’. E também trabalha no jornal, porém tem que fazer concessões. Uma vez sendo vítima da opressão, é obrigado a vender sua escrita, desvirtuando seu ato de criação literária para encomendas de elogios a políticos e comerciantes inescrupulosos. Ironicamente, ganha dinheiro em função do comprometimento de sua liberdade criadora para elogiar os tipos de Julião Tavares, ou seja, o tipo de gente que mais detesta.

Assim, começa o drama e sua degradação. Pois, Luís da Silva é impedido, por fatores externos sociais, que estavam acima de suas condições de sujeito de assumir sua posição de intelectual. Tendo que fazer concessões para sobreviver, restando-lhe a consciência trágica de saber-se vendido e reificado pelo seu trabalho.

Escritor preocupado com a situação do homem, seus dilemas e contradições, Graciliano Ramos corporifica em Luís da Silva o símbolo do homem atomizado, isto é desagregado. Este é fruto da coação compulsiva pelo trabalho degradante e reificador a que está submetido. E do qual procurou se libertar pela realização de um crime. Em outras palavras: “A tragédia de Luís da Silva é a vitória do burguês sobre o cidadão do interior” (COUTINHO, 1977: 73).

O romance, escrito na década de 30, delinea a conjuntura política da sociedade brasileira que se constituía em uma sociedade fragmentada, fracionada, por causa do modelo de economia pré-capitalista, que:

(...) impedia a formação de uma verdadeira comunidade humana, de uma vida pública [...], afastando o povo de qualquer participação criadora de nossa história. A estagnação social condenava os homens a uma vida medíocre, ao cárcere de um pequeno mundo sem perspectivas [...] enquanto umas (classes) viviam à vontade nos estreitos limites deste pequeno mundo, outras compreendiam que só com a destruição de tal cárcere seria possível a abertura para uma vida autêntica e humana. (COUTINHO, 1977: 75)

O narrador, Luís da Silva, ao cometer o assassinato tentou (iludido) destruir o cárcere que o atrofiava em sua realidade mesquinha. Contudo, não se trata de uma luta revolucionária, coletiva, mas sim de uma revolta individual em busca de uma realização plena. É a busca pela autonomia para lutar contra a opressão e o sentimento de indignidade. O personagem cria a ilusão de que ao liquidar Tavares, conseguiria atingir sua realização individual, triunfando sobre o domínio do capitalismo. Mas não consegue sua liberdade, recaíndo, para seu desespero, em sua vida medíocre.

“- Inútil, tudo inútil!” (RAMOS, 2013: 199). Essa é a frase representativa da consciência do personagem Luís da Silva, quando este compreende que nada mudou e nada mudará em sua vida. Pois, não depende somente de sua luta individual para transpor as barreiras e obstáculos que o impedem de viver a vida desejada, a vida sonhada. Porque seu problema advém de sua realidade de miséria econômica.

Uma das características dos romances de Graciliano Ramos é a distinção entre a possibilidade concreta e a possibilidade abstrata, relacionando a aspiração individual com a realidade. Isto significa dizer que, o ato individual de Luís da Silva, longe de ser uma solução, não altera a realidade, nem a sua realidade individual, pois “Os indivíduos, enquanto átomos, são impotentes à possibilidade de mudar o curso das coisas, de influir sobre sua realidade e sobre si mesmo...” (COUTINHO, 1977: 99).

Isto é, os indivíduos, enquanto átomos, são impotentes, pois estão na condição de desagregados, não conseguindo mudar e influir sobre a realidade individual e mesmo a social, porque são indivíduos reificados, ou seja, transformados em “coisa”, objeto pelo trabalho, que os degrada e os oprime. Assim:

(...) esta busca de valores é sempre condenada ao fracasso [...] pois a realização humana só é possível em uma sociedade comunitária, na qual o livre desenvolvimento de cada um seja a condição para o desenvolvimento de todos [...] A verdadeira realização individual implica o homem harmonicamente desenvolvido, não-alienado... (COUTINHO, 1977: 78).

Então, como pode pensar e agir um indivíduo tolhido na sua liberdade, sendo uma figura de exceção, um ser abúlico? Homem com o sobrenome de Silva, homem de todos os lugares, de todas as classes, de todas as cores. Porém, o nosso Silva representa a horda dos amargurados, despeitados, que represam suas queixas:

“(...) vingando-se em sarcasmos íntimos contra a mediocridade da própria vida e contra sua covardia de funcionário complacente e de jornalista submisso, que escreve artigos de encomenda.” (SOUZA, 2013: 239).

Luís da Silva representa a classe do pequeno-burguês que aspira a ser grande, intelectualmente, mas fracassa em seu projeto, tornando-se só mais um Silva na multidão.

Apesar de o romance ter sido escrito há mais de 70 anos, ainda é possível que se encontrem muitos Silvas com sonhos, desejos, talentos e potencialidades nos dias de hoje. Entretanto, estes são atrofiados pela embolia social, que tem como símbolo o trabalho, que os reifica, tornando-os objetos.

Desde que o mundo moderno surgiu com a ascensão da classe burguesa e com o estabelecimento do capitalismo como modelo econômico, fora promulgado como um mantra a máxima de que o “Trabalho dignifica o homem”. Contudo, quando um indivíduo, citando a canção: “acorda pra trabalhar, dorme pra trabalhar, corre pra trabalhar e não tem tempo de ter o tempo livre de ser” (VALLE e VALLE, 1996, faixa cinco). Não ser aquilo que almejou, isto é, não consegue se realizar plenamente, tendo que se vender moralmente para sobreviver. É possível pensar na dignidade? Pode-se concluir que não.

Portanto, o que leva um pobre funcionário público a se tornar um assassino? Seria a consciência de saber-se oprimido e obrigado a aceitar um trabalho sem sentido, que o reifica, que o torna “bicho,” “coisa”? Transformando sua vida em mediocridade, pois sua rotina é “monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio dia, e das duas às cinco, estúpida, sem valor e substituível”. (RAMOS, 2013: 23).

“vida mesquinha dividida entre a repartição onde trabalha mecanicamente e a redação de jornal onde vende a sua consciência.” (COUTINHO, 1977: 96). Logo, é possível afirmar, que o drama de Luís da Silva está na consciência de sua reificação produzida pelo trabalho, sendo uma das causas de sua degradação e desagregação, concretizando o signo da angústia.

O discurso ficcional de Angústia

Graciliano Ramos “é o romancista que interpreta a vida, em sua rigorosa significação de sentido humano. É o romancista que exhibe o humano que existe na vida do homem de todos os lugares.” (FILHO, 2013: 243).

Assim, o romancista constrói o discurso ficcional de *Angústia* em tom pessimista baseado em um sistema de mundo, em que a predominância do dinheiro dita as normas, produzindo a opressão. Levando os sujeitos como Luís da Silva ao desespero, a viverem sob tensão, cujos medos e aflições se devem aos motivos mais prosaicos e sem nenhum heroísmo: medos de dívidas e de aluguéis não pagos. A tensão em torno da miséria econômica faz com que Luís da Silva assuma uma posição ética contrária aos valores da sociedade, pois vislumbra como solução a morte de Julião Tavares.

Contudo, o pessimismo na narrativa de Graciliano Ramos deve ser considerado sob a perspectiva do: “ódio positivo” (GIMENEZ, 2012: 86).

Nessa concepção, o ódio de Luís da Silva o transforma em pedra de resistência, em esperança mínima de uma consciência que luta contra a cegueira da sociedade, contra a atrofia social. Porém, o fracasso é iminente, pois Luís da Silva “é um parafuso insignificante na máquina do Estado.” (*Ibidem*: 85).

Por isso, é importante compreender a obra literária *Angústia* como parte de um sistema cultural. Uma vez que Graciliano Ramos, por meio de seu discurso ficcional, elevou o patamar de *Angústia* à fonte de crítica e de pesquisa social, corroborando o seu valor literário e mostrando o quanto ainda é atual, em razão de que: “os problemas de todas as personagens (gracilianas) são os problemas humanos de ontem, hoje e de sempre, ligados fundamentalmente à sobrevivência do Homem em Sociedade e ao eterno desejo de suplantar o Próximo, em qualquer que seja o setor.” (NOVAES, 1977: 61).

O trabalho reificador degrada o homem

Até que ponto o trabalho reificador contribuiu para a degradação e desagregação do personagem Luís da Silva?

Ao escrever o romance *Angústia*, Graciliano Ramos passava por um momento sombrio e porque não dizer angustiante, pois era o ano de 1935 e o país estava ameaçado com o avanço do nazifascismo, representado, aqui, pelo Integralismo.

Contudo, o fascismo brasileiro e a ofensiva ditatorial do presidente Getúlio Vargas não impediram os escritores de se entregarem ao processo literário.

“É, portanto, nessa atmosfera angustiante de perseguições, telefonemas anônimos cheios de ameaças veladas e insultos, delações e apatia intelectual que *Angústia*, terceiro romance de Graciliano, é tecido.” (RAMOS, 2013: 7)¹.

O escritor projetou, em seu protagonista, ideias que iam de encontro à lógica dominante, ao vislumbrar a morte do capitalismo com o enforcamento do símbolo do burguês – o proprietário Julião Tavares. Símbolo de tudo o que oprime Luís da Silva e de tudo aquilo que desejava ter: o dinheiro, projeção social e o berço de ouro. Porém, o que mais alimentava o seu ódio, era a mediocridade intelectual de Julião Tavares, a facilidade de corromper e se sair impune e se tornar modelo de cidadão respeitado.

Em contraposição, Luís da Silva não possui berço de ouro, sua origem advém de uma família rural decadente. Portanto, aceita o trabalho que lhe aprouver, pois é emergencial ter dinheiro para sobreviver, pagar aluguel, pagar as dívidas e comprar comida.

É nessa conjuntura de total penúria e desalento, condicionada pela miséria econômica que (sobre) vive Luís da Silva. Portanto, quem tem como preocupação o pagamento do aluguel, não tem tempo livre de ser o que sonhou. A comida é vital para a nossa sobrevivência, mas, conforme diz a canção: “Você tem fome de que?”

(FROMER; ANTUNES e BRITTO, 1987, faixa dois). O que de fato alimenta a alma?

Quando o fator econômico é o princípio diretor da sociedade e que tem como base o desenvolvimento das forças sociais produtivas, o que nos sustentará e nos alimentará é o **trabalho**.

Decerto que, na história da humanidade, os homens transformam e utilizam-se dos bens da natureza por meio do trabalho, produzindo os meios de sobrevivência e conhecimento. Contudo, a origem das palavras *trabalho*, *labor* (inglês), *travail* (francês), *arbeit* (alemão) e *ponos* (grego) tem a mesma raiz e os significados podem ser interpretados por fadiga, sofrimento e pobreza

Entretanto, o trabalho pode e deve (ou deveria) permitir a realização humana, pois é ao mesmo tempo fonte de produtividade e expressão da humanidade. Infelizmente, na vida real e na vida ficcional criada por Graciliano Ramos, essa

atividade social é delineada conforme a origem de seu significado. Vejamos alguns trechos do romance, os grifos são meus:

“Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu. Estúpida...” (23).

“É ali que trabalho. **Ocupação estúpida** e quinhentos mil-réis de ordenado.” (30).

“Por fora devo ser um cidadão, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer...” (35).

“Trinca e cinco anos, **funcionário público homem de ocupações marcadas pelo regulamento**. O Estado não me paga para eu olhar as pernas das garotas” (46).

Poderíamos nos perguntar por que Luís da Silva se submete a uma ocupação estúpida, a um trabalho maçante, que transforma sua vida em monotonia, mediocridade, isto é uma vida estúpida e cinzenta. A resposta só pode ter fundo econômico, pois se trata da desigualdade social, na qual os indivíduos são atrofiados pela miséria, transformados em objetos, ou seja, reificados pelo trabalho.

Mas, a genialidade da obra consiste em revelar a luta e o sofrimento do protagonista, pois este tem consciência de sua reificação, consciência de ter se vendido e é isso que o leva ao desespero, o transforma em assassino.

O drama de consciência de sua reificação é demonstrado pela análise que o narrador faz em relação à mercantilização do livro e dos escritores, comparando à prostituição. O seguinte trecho nos revela essa proposição:

Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas, exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. E uma espécie de prostituição [...] os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como mulheres da Rua da Lama. (RAMOS, 2013: 21).

Mesmo tendo consciência, mas por ser pobre diabo, ser de exceção, ele não escapa também da prostituição. Nos períodos de mais adversidades, em que dormia em bancos públicos, teve que comercializar seus livros por um preço de esmola, aumentando sua humilhação.

- Um filho do Nordeste, perseguido pela adversidade, apela para a generosidade de v. ex^a:
Valorizava a esmola:
- Trago um romance entre os meus papéis. Compus um livro de versos, um livro de contos. [...] Até que me arranje, até que possa editar as minhas obras. (RAMOS, 2013: 39).

Depois, quando consegue um emprego no jornal, se resigna a vender sua escrita, vendendo falsos elogios e mentiras.

Assim, como Luís da Silva, os indivíduos são submetidos a uma realidade fragmentada e abstrata, onde as forças produtivas do capitalismo promovem a eliminação do aspecto qualitativo dos processos de trabalho, mecanizando-os. E transformando tudo em objeto, coisa, inclusive o homem e as relações sociais. Isto é, reifica o homem, para conduzi-lo à posição contemplativa diante dos problemas e anseios da sociedade.

Logo, é destinada ao trabalhador e à sociedade a ideologia do valor-de-troca, sendo a reificação o processo pelo qual se dará a transformação de tudo em mercadoria.

Por isso, a magnitude do romance está em imprimir o sentimento pessimista e de angústia do protagonista, em revelar seu drama e a dor na consciência de saber-se reificado e não possuir meios de lutar contra a opressão. Levado ao extremo, para sair da condição de coisa, de objeto, comete o assassinato, degradando-se como homem e ser humano.

Somos Luís da Silva?

Comovo-me lendo os sofrimentos alheios, penso nas minhas misérias passadas...
(RAMOS, 2013: 123).

Decerto que a Literatura, por meio do gênero romance, e o escritor Graciliano Ramos compreendem a condição humana, em que os indivíduos são transformados em meros espectadores do devir social, adotando uma atitude contemplativa diante da vida, mesmo sendo está cinzenta e medíocre.

Ratifica-se a ideia de que a Literatura tem papel social, porque quando nos deparamos com a leitura de um romance como *Angústia*, somos levados a percepções e questionamentos sobre a vida e o mundo.

Um desses questionamentos se refere à reflexão sobre a nossa condição humana em uma realidade fragmentada e que originou a seguinte questão: Será que somos Luís da Silva? Será que temos a mesma consciência do narrador angustiado?

O personagem, em vários momentos do romance, nos revela o sentimento de complexo de inferioridade e a percepção de que não possui muito valor, em razão de ser um intelectual precariamente remediado e um pequeno-burguês assalariado. O trecho nos revela esse sentimento de inferioridade: “Considerava-me um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor”. (RAMOS, 2013: 50).

Segundo Gutemberg (2013: 302): “Angústia é muito mais que uma metáfora, é um testemunho. Luis da Silva é um personagem autobiográfico.” Também, se pode analisar o romance no sentido de autobiografia universal. Em outras palavras, seria a autobiografia do homem universal, que não é somente, alagoano, brasileiro, do passado, do presente. E talvez, até, do futuro.

Quantos já não pensaram, como o personagem, em largar tudo e recomeçar a vida: “Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens...” (RAMOS, 2013: 23).

Assim, Graciliano Ramos tece a história, a vida poética de homens reais da vida real, confirmando o seu papel de escritor e pensador do seu tempo e do mundo. Pois: “ao produzir uma obra literária, o escritor constrói um discurso sobre o real, que o situa na categoria de intérprete do mundo em determinado tempo histórico”. (DIAS, 2012: 91). Corroborando a ideia de que a Literatura por meio do romance descortina o mundo nos levando à consciência do que somos.

Referências

AMADO, Jorge. *Resenha*. In Graciliano Ramos. *Angústia: (75 anos)*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2013. Organização: Elizabeth Ramos.

BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos e o romance trágico*. In Graciliano Ramos. Coletânea organizada por Sônia Brayner. UFRJ. Rio de Janeiro, 1977.

BUENO, Luís. *Divisão e unidade no romance de 30*. In *Literatura Brasileira: 1930/ Andrea Sirihal Werkema... [et al.]* (organizadores) – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CAMARA, Leônidas. *A técnica narrativa na ficção de Graciliano Ramos*. In Graciliano Ramos. Coletânea organizada por Sônia Brayner. UFRJ. Rio de Janeiro, 1977.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

COUTINHO, Carlos Nelson Coutinho. *Graciliano Ramos*. In Graciliano Ramos. Coletânea organizada por Sônia Brayner. UFRJ. Rio de Janeiro, 1977.

DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*. Niterói. Editora da UFF, 2012.

FILHO, Adonias. *Angústia*. In Graciliano Ramos. *Angústia: (75 anos)*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2013. Organização: Elizabeth Ramos.

FRACCO, Fábio Luiz Tezzini. *Georg Lukács e a Reificação: Teoria da Constituição da Realidade Social*. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Artigo04.F.Crocco.pdf>. Acesso em 16/09/2014.

FROMER, Marcelo; ANTUNES Arnaldo e BRITTO Sérgio. *Comida. TITÃS. Faixa nº 2. Álbum: Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. 1987.

GIMENEZ, Erwin Torralbo. *Tempos de insônia: alguns papéis avulsos de Graciliano Ramos*. In *Literatura Brasileira: 1930/ Andrea Sirihal Werkema... [et al.] (organizadores)* – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GUTEMBERG, Luís. *Luís da Silva somos nós*. In Graciliano Ramos. *Angústia: (75 anos)*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2013. Organização: Elizabeth Ramos.

MORAES, Dênis de. *O velho graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

NOVAES, Suely. *Solidão e Luta em Graciliano Ramos*. In Graciliano Ramos. Coletânea organizada por Sônia Brayner. UFRJ. Rio de Janeiro, 1977.

RAMOS, Graciliano. *Angústia. (75 anos)*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2013. Organização: Elizabeth Ramos.

_____. *Norte e Sul*. Linhas Tortas, pp. 138-139. 1937. Disponível em: http://books.google.com.br/books/about/Uma_hist%C3%B3ria_do_romance_de_30.htm?hl=pt-br&id=kMgBuTlr7ssC. Acesso em: 12/09/2014.

RAMOS, Elizabeth. *Apresentação*. In Graciliano Ramos. *Angústia: (75 anos)*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2013. Organização: Elizabeth Ramos.

SOUZA, Octavio Tarquinho. *Resenha*. In Graciliano Ramos. *Angústia: (75 anos)*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2013. Organização: Elizabeth Ramos.

VALLE, Marcos e VALLE, Paulo Sérgio. *Capitão de Indústria. Os Paralamas do Sucesso*. Faixa nº 5. Álbum: Nove Luas. 1996.